



SUPERIORE GENERALE

**CONGREGAZIONE DEI SACERDOTI
DEL SACRO CUORE DI GESÙ**

Roma, 13 de Maio de 2006

Prot. N. 105/2006

Um Coração para a Missão

Carta à Congregação por ocasião da Festa do Sagrado Coração

Caros Confrades,

Dentro de alguns dias daremos início à Conferência Geral sobre as missões, três anos depois do último Capítulo Geral, que decorreu sob o tema “*Dehonianos em missão: um coração aberto e solidário*”. Com este lema pretendia-se chamar a Congregação a uma verdadeira refundação, ou ao regresso aos fundamentos da sua origem carismática, como fonte da nossa vida e da nossa missão.

Vocação e missão, carisma e anúncio, são temas intimamente ligados. Não se pode falar de um sem que o outro esteja implicado. Por isso, sem querer antecipar o trabalho da Conferência Geral, queremos apresentar a toda a Congregação um pequeno contributo de reflexão sobre a nossa missão, a partir da nossa espiritualidade centrada no Coração de Cristo.

1. Na escola do Coração de Cristo

Renovar a nossa vida e a nossa missão a partir da nossa espiritualidade, como pretendia o XXI Capítulo Geral, significa visitar a corrente espiritual que, durante séculos, animou a Igreja, centrada no ícone do Coração de Jesus como revelação humana do amor de Deus.

Característica desta herança espiritual que o P. Dehon deixou ao Instituto é o encontro entre a contemplação mística do Coração de Cristo, segundo as correntes espirituais do seu tempo, e a sensibilidade aos graves problemas sociais do início da era industrial, que o levaram ao empenho na transformação da sociedade. A simbologia ou iconografia do Coração constitui o ponto de unidade da sua vida e missão, quer do ponto de vista da contemplação de Deus e da sua acção salvífica, quer do empenho na transformação social.

Compreender, viver e redizer, hoje, esta intuição espiritual impõe uma ligação às fontes bíblicas e teológicas que lhe deram origem, de modo a poder integrá-las, de modo fecundo, na reflexão e na vida da Igreja. Sem qualquer pretensão de esgotar o argumento, apresentamos à vossa reflexão, oração e procura, alguns pontos que nos parecem importantes nesta renovação, tendo como de referência a nossa missão.

A espiritualidade do Coração de Jesus pode-se compreender a partir de três dimensões fundamentais: uma visão integral do homem (*antropologia*) e do mistério de Deus (*teologia*), donde deve brotar o *empenho* na construção do mundo, a partir do Evangelho.

1.1. O coração ou a visão integral do homem

Esta visão integral do mistério cristão deve partir da antropologia bíblica, em que o coração representa a centralidade e a integridade da pessoa, em contraposição à superficialidade e à fragmentação; a sua interioridade e verdade, que evitam visões redutoras e instrumentalizações; a sua responsabilidade e dignidade, em contraste com a alienação, a exploração e a injustiça.

De facto, na Bíblia, mais que do domínio afectivo, o coração é símbolo e ícone da verdade e do pensamento próprios a cada pessoa, sempre de certa maneira escondidos, e que só Deus, o Criador, conhece intimamente (cf. Sl 7,10; 26,2; 139). Por isso, o coração representa também a possibilidade de transcendência e de diálogo; santuário onde Deus fala ao homem (Os 2,16...) e a partir do qual o homem se pode abrir à escuta e ao louvor do seu Criador (Sl 9,2...). Por outro lado, o coração pode exprimir também o fechar-se a Deus (Sl 10,3...), a fonte do mal que pode destruir o projecto de Deus e a humanidade (cf. Gen 6,5). A saída desta situação de carência de salvação baseia-se no dom de um coração novo, habitado pelo Espírito Santo e capaz de compreender e agir segundo novos critérios (cf. Ez 36,26s). Por isso, o dom de um coração sábio, íntegro, verdadeiro, aberto a Deus e leal na relação com os outros, constitui o objecto da aspiração, educação e oração, na leitura sapiencial (cf. Sl 90,12).

A antropologia bíblica abre-se a novos horizontes a partir da encarnação. Jesus, novo Adão (cf. Rom 5,12ss), realiza a profecia de Ezequiel do Coração Novo habitado pela plenitude do Espírito de Deus. Ele é o homem novo, do Coração plenamente aberto à escuta do Pai, para fazer a sua vontade, e plenamente solidário com os homens, dos quais se fez irmão, para levar a sua vida em plenitude.

O “*ecce venio*” (Heb 10,5-7) e o Coração trespassado (cf. Jo 19,31-37), no início e no fim da sua existência terrena, são a revelação mais transparente deste projecto de homem novo, fiel a Deus e solidário com os homens, até dar a vida por eles, em contraposição com o primeiro Adão, que rejeita o plano de Deus e se torna assassino do seu irmão. Na sua vida e na sua morte redentora não temos apenas um exemplo a seguir, mas a possibilidade de configuração com a sua pessoa, através do dom da vida e do Espírito que jorram do seu lado trespassado.

1.2. O Coração de Cristo, revelação do Pai

Através deste Homem Novo temos acesso ao rosto de Deus; a antropologia do novo Adão abre-se assim à teologia. O primeiro Adão estava já sob a mão protectora e educadora do seu Criador. Mas agora, através do Coração de Cristo – isto é, a sua interioridade; o mistério da sua pessoa, como Filho do homem e Filho de Deus – podemos entrever o mistério do próprio Deus, na medida em que se revela no seu Filho. O Coração de Jesus torna-se caminho para o seu Pai e nosso Pai. E o centro (coração) do que descobrimos ao percorrer este caminho, é que Deus é amor (cf. 1Jo 4,6-21).

A esta luz, descobrimos que a pessoa de Jesus, da sua vinda ao mundo até ao regresso ao Pai, é manifestação do amor de Deus pela humanidade. Os seus gestos e as suas atitudes para com os doentes e os oprimidos, os amigos ou os adversários, a sua palavra, a sua esperança e o seu anúncio são manifestação do Coração de Deus e do seu modo de ver e tratar os homens. O Coração de Cristo torna-se, assim, porta e caminho para o Coração de Deus, quer como revelação do Pai, quer como possibilidade de comunhão com Ele, mediante o Espírito.

1.3. Agir a partir do Coração

Característica deste Homem Novo, revelação do Coração de Deus, é a solidariedade com os homens, partilhando a sua própria natureza e assumindo as suas fragilidades e as suas dores (cf. Jo 1,2.14; Fil 2,6-8). A comunhão com Deus, em vez de o afastar dos pecadores, dos que sofrem e dos oprimidos, torna-O solidariamente presente, para partilhar a sua condição de fraqueza, mas também para torná-los participantes do seu Espírito, abrindo, assim, nesta humanidade, um caminho de esperança e de vida (cf. Heb 4,14-16; 5,5-10; 10,5-12).

Como acontece com Cristo, também em nós, o dom do seu Espírito gera não apenas um coração aberto e capaz de comunhão com Deus, mas também um coração solidário com os homens, capaz de assumir as suas esperanças e as suas dores e de colaborar activamente na construção de uma humanidade nova. Deste modo, o seu Coração – isto é, o seu modo de pensar e de agir – é modelo e caminho do coração humano, para a construção da nova humanidade. Por isso, no texto de Mateus, depois de Se ter apresentando como Aquele que levanta o homem da sua fraqueza, Jesus convida também a aprender d'Ele a modelar o coração de acordo com o seu, no espírito das bem-aventuranças: “Vinde a Mim, todos vós que andais cansados e sobrecarregados, e Eu vos aliviarei. Tomai o meu jugo sobre vós e aprendei de Mim que sou manso e humilde de coração” (Mt 11,28s).

2. Um coração missionário

Da configuração com Cristo, Homem Novo, provêm a nossa vocação e a nossa missão. Movidos pelo Espírito, assumimos a dupla atitude que caracterizou a vida e a missão de Jesus e que o P. Dehon procurou imitar e transmitir à Congregação: um coração aberto e disponível para a escuta da voz de Deus e dócil para seguir a sua vontade; e igualmente pleno de solidariedade com os homens, para colaborar na transformação da sociedade, segundo o projecto de Deus.

Na origem da missão está a escuta e a comunhão com Deus, que nos permite descobrir a sua vontade e nos torna disponíveis para a cumprir. A escuta e a partilha da Palavra e a participação na mesa eucarística, continuada na adoração, constituem, segundo a nossa tradição, os meios fundamentais para permanecer unidos a Cristo, como os ramos à videira (cf. Jo 15). Eles fazem-nos reconhecer, ao longo do caminho ou nas margens do lago da missão, Cristo ressuscitado que nos dirige palavras de conforto e de orientação, nos oferece o alimento da unidade e da esperança e nos renova o convite a segui-l'O no serviço ao seu povo (cf. Lc 24; Jo 21).

A segunda grande atitude característica do homem novo à imagem de Cristo é um coração de solidariedade fraterna, livre do isolamento e do egoísmo, aberto à comunhão e disponível para a partilha e para o dom de si mesmo. Estas disposições são particularmente importantes naqueles que aceitam o convite para a missão. A comunhão entre eles, além de ser meio fundamental de entendimento e de apoio recíproco, torna-se testemunho credível da presença do Espírito e anúncio da possibilidade de construir uma sociedade reconciliada e fraterna, com a diversidade das pessoas, culturas e línguas. Por esta razão, a comunidade constitui, para nós, o ponto de partida, a metodologia e também o objectivo da missão.

Uma qualidade específica do dom de Cristo ressuscitado é a dimensão universal e multicultural da comunhão. A missão da Igreja, a partir do Pentecostes, estende-se a todos os povos e línguas, como expressão do amor do Coração de Cristo, que atinge todos os homens, e como caminho para a meta de uma humanidade reconciliada e fraterna. A dimensão internacional dos Institutos religiosos como o nosso, na sua vida e na sua missão, constitui um válido contributo para a catolicidade da Igreja e um germen do projecto de Deus de reconciliar tudo em Cristo.

A atenção ao coração – isto é, à centralidade e à integridade do homem – caracteriza a nossa missão, evitando deturpações ou instrumentalizações redutoras. Objectivo da missão ao serviço do Evangelho é a promoção de uma pessoa humana e de uma sociedade na plenitude da vida e da dignidade, aberta à transcendência de Cristo ressuscitado. Não se pode reduzi-la nem a um misticismo desincarnado, insensível

aos males que atingem a humanidade e as pessoas, nem a uma promoção social, que ignore a dimensão transcendente e a esperança no destino final do homem.

O acolhimento e a atenção às pessoas, na situação existencial em que se encontram, são as primeiras expressões da chegada do Reino de Deus. Os esquecidos e os que sofrem, os oprimidos e os desencorajados, são aqueles que devem sentir, em primeiro lugar, a solidariedade fraterna dos anunciadores da Boa Nova, como aconteceu na Galileia (cf. Lc 4,16-22). Esta opção preferencial pelos pobres, que caracteriza o anúncio do Evangelho desde as origens, não significa uma escolha redutora de classe, que exclui os outros. Trata-se, antes, da expressão da universalidade do amor de Deus que não exclui ninguém, mesmo o mais pequeno dos pequenos, e que se enche de particular compaixão diante daqueles que sofrem ou são esquecidos.

A solidariedade do homem novo impede-nos de fazer do anúncio uma imposição ou uma ocasião para manifestações de poder ou de domínio cultural. Missão é serviço e dom de si mesmo e comporta a renúncia absoluta a qualquer forma de violência ou imposição. Um tal projecto de pessoa e de sociedade só pode ser proposto e aceite na liberdade e na alegria. A sua imposição geraria escravos fanáticos ou rebeldes reivindicativos, mas não pessoas livres e fraternas.

A atitude de fidelidade ao projecto de Deus e de solidariedade com o homem, juntamente com a renúncia à violência na construção do Reino, significa renunciar a si mesmo e fazer da própria vida um dom de paz e de fraternidade. Significa também a disponibilidade para suportar as consequências das resistências e da oposição que muitas vezes acompanham o nascimento da nova humanidade.

No seguimento do Bom Pastor que dá a vida pelas suas ovelhas (cf. Jo 10), a história da Igreja está cheia de tantos homens e mulheres que selaram com o próprio sangue o dom em favor dos irmãos. Também a história bem mais jovem da Congregação apresenta-nos um número não pequeno de confrades que uniram a própria oblação à de Cristo, até ao dom do sangue. Hoje, recordamo-los com emoção fraterna e com fé. Não estão mortos! Vivem nas igrejas que ajudaram a fundar, nos irmãos e irmãs que serviram, na nossa memória de confrades e, sobretudo, no Coração do Senhor Jesus que seguiram até à morte. Quem oferece a sua vida deste modo, não a perde. A missão poderá levá-los longe ou perto, semeando ou semeando-se em tantos povos, línguas e culturas, mas o Senhor, que os convidou, não mais perderá o seu rasto. Mesmo se o seu corpo cansado cai em terra desconhecida, “Ele mandará os anjos e reunirá os seus eleitos dos quatro ventos, da extremidade da terra à extremidade do céu” (Mc 13,27).

Com este espírito queremos acolher as indicações da Conferência Geral para a Congregação, de modo a podermos continuar, na Igreja e na sociedade, a missão iniciada pelo P. Dehon, cuja beatificação continuamos a esperar.

Na celebração da Festa do Sagrado Coração, o Bom Pastor que dá a vida pelas suas ovelhas, nos torne semelhantes a Ele e nos guie na missão de construir o seu Reino.

Fraternamente, no Coração do Senhor,

P. José Ornelas Carvalho, scj
Superior Geral
e seu Conselho